



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Litiane Guimarães Mosca¹

Propaganda política e a construção da imagem em cunhagens monetárias

Political Propaganda and the Construction of the Imperial Image in Monetary
Coinages

Resumo:

Este artigo pretende entender como a imagem pública de Augusto, primeiro imperador de Roma, foi construída e representada na iconografia de sua época. Considerando essa imagem como a representação coletiva do mesmo na mente do público, o trabalho visa analisar cinco exemplares de cunhagens monetárias de diferentes momentos do governo de Otávio Augusto. Partindo do conceito de propaganda política, o que pretendemos com esta pesquisa é fazer uma reflexão sobre os elementos utilizados por Otávio Augusto para construir uma boa imagem política e legitimar seu governo a partir da concepção de propaganda política, demonstrando quais eram as temáticas de que o governante se valeu a fim de propagar e legitimar seu projeto político.

Palavras- chave:

Otávio Augusto; imagem; propaganda política.

Abstract:

This article aims to understand how the public image of Augustus, first emperor of Rome, was constructed and represented in the iconography of his time. Considering this picture as a collective representation of the same in the public mind, the study aims to examine five examples of monetary coinages of different moments of the government of Octavian Augustus. Based on the concept of political propaganda, what we want with this research is to reflect on the elements used by Octavius Augustus to build a good political image and legitimize his government from the conception of political propaganda, showing what were the issues that drew the ruler in order to propagate and legitimize their political project.

Keywords:

Octavius Augustus; image; political propaganda.

¹ Graduada em História e aluna da Pós Graduação (*Latu Sensu*) em “Religiões e Religiosidades” pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), pesquisa desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Júlio César Magalhães de Oliveira.

1. Introdução

Este artigo busca entender como a imagem pública de Augusto, primeiro imperador de Roma, foi construída e representada na iconografia de sua época. Sendo esta “imagem” a representação coletiva do *princeps* na mente do público, o trabalho visa analisar um recurso de propagação da época, especificamente, cunhagens monetárias, partindo do conceito de propaganda política, ferramenta importantíssima para todo governante. Utilizamos cunhagens monetárias de diferentes momentos do governo de Augusto considerando que cada uma delas é representativa das imagens mais comuns de seu tempo pois, como afirma Claudio Umpierre Carlan (2006: 2-3):

“Nos dias atuais, dificilmente podemos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Mas durante a Antiguidade ela unificava todo um território, que estava submetido a um mesmo poder político. O metal, e suas imagens de anverso e reverso, ultrapassavam os limites geográficos do poder que o emitia, definindo ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que esse pertencia. [...] Analisando os aversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante”.

Concordando com a historiadora Ana Tereza Gonçalves (2001: 54), entendemos propaganda como a construção e a difusão sistemática, por meio de diferentes suportes disponíveis, de mensagens destinadas a um público difuso, composto de vários grupos sociais, que visavam criar uma imagem positiva de determinados fenômenos, assim como do próprio imperador, e estimular certos comportamentos relacionados à adesão dos súditos ao governante. Neste sentido, o que pretendemos é compreender como a imagem pública de Augusto, o imperador que será tido como um modelo a ser seguido por seus sucessores, foi representada visualmente nas emissões monetárias que visavam propagandear informações do programa de governo do *princeps*, levando em consideração que as moedas circulavam por todo o Império e até mesmo fora das fronteiras romanas, carregadas de imagens e inscrições gravadas em seus aversos e reversos (Gonçalves, 2001: 64). Neste aspecto, partiremos da afirmação do historiador Cláudio Umpierre Carlan (2005: 74) que acredita que a propaganda em Roma estava intimamente ligada às cunhagens monetárias. Paul Zanker (1992: 80) também se refere a Augusto

como o primeiro a associar os aspectos artísticos, não apenas das peças, mas também da arquitetura, à propaganda político-ideológica com a função de legitimar seu poder:

“Sem dúvida, muitos observavam as moedas atentamente. Diferentemente dos nossos tempos, invadidos por impressões visuais, naquela época as novas imagens se constituíam como sendo algo extraordinário. Neste caso, se difundia também uma multidão de belas imagens novas em metal precioso. As cunhagens eram extraordinariamente numerosas, a tal ponto que, como demonstram as escavações arqueológicas, as moedas circulavam por todo o Império no Ocidente”.

Por essa razão, parece-nos que o tema da propaganda política não pode ser discutida apenas a partir das fontes textuais mas também arqueológicas. Nesse sentido, nosso estudo faz parte das discussões recentes sobre a necessidade que têm os Historiadores e os Arqueólogos de levarem em consideração as complexas relações existentes entre textos e artefatos nas sociedades históricas. Muitos autores, sobretudo no âmbito da Arqueologia Histórica, têm enfatizado que a disciplina arqueológica não deve ser vista como mera serva da História e que a cultura material pode não apenas complementar as informações textuais, como também fornecer informações de outra forma não disponíveis e até mesmo confrontar-se com fontes escritas (Funari, 2007: 27-28).

Ao analisarmos nossas fontes, procuraremos não apenas acreditar no que diz o documento em questão, mas buscar o que está por trás do que lemos, ler nas entrelinhas, para perceber quais são as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor (Funari, 1993: 5). Partimos da concepção, proposta por Funari (2003: 27-28), segundo a qual todos os documentos, escritos ou não, devem ser encarados como discursos que possuem, necessariamente, autoria e público e que têm sempre estruturas superficiais e profundas. Contudo, ao analisarmos nossos documentos, procuraremos, em cada caso, compreender a autoria e o público a que se destinavam suas estruturas superficiais, que correspondem à sequência explícita de seus elementos constitutivos, mas também suas estruturas profundas, que se ligam aos interesses e objetivos do autor e do público. Sabemos que a reconstrução desses objetivos e interesses é necessariamente subjetiva, mas é a partir dessa análise que esperamos poder compreender os recursos de propaganda que permitiram a Otávio Augusto construir sua imagem pessoal e consolidar o novo regime do Principado.

Este trabalho se insere no contexto dos estudos atuais sobre a temática da representação da imagem imperial no estudo de Ana T. Gonçalves, 2001, assim como, enfatizando essa representação na cultura material, no trabalho de

Paul Zanker, 1992, e evidenciando essa representação nas cunhagens monetárias, nas pesquisas de Claudio U. Carlan, 2006, e B. Levick, 1999 e Michal Grant, 1946.

2. O uso da moeda pelos romanos

Em Roma as primeiras moedas foram cunhadas em torno do ano 300 a. C., quando os romanos começaram a se expandir em direção ao Sul da Península. Como sua força era caracterizada de um exército de cidadãos e também de mercenários, havia a necessidade de uma forma mais ágil no pagamento desses soldados para o que a cunhagem de moedas se tornou algo imprescindível. De acordo com Florenzano (*et al* 2009: 46), no decorrer do século III a. C., Roma realizou uma série de experimentos monetários em que adaptou metais e padrões de pesos até introduzir o denário de prata em 211 a. C., iniciando assim um sistema monetário próprio. As moedas romanas eram tão semelhantes às dos gregos que alguns pesquisadores acreditam que provavelmente os romanos teriam contratado os mesmos artesãos que fabricavam as moedas gregas. A partir da Segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.), porém, elas passaram cada vez mais a ter uma “cara própria, seguindo uma imagética cuidadosamente escolhida que reflete o formato do poder constituído na República Romana”.

Segundo Florenzano e outros (2009: 46), no período republicano, a incumbência de bater moedas em Roma era dos *triumviri monetales*. Estes alardeavam, por meio da iconografia das moedas que batiam sob sua responsabilidade, as glórias e os feitos de seus ancestrais familiares, o que era um elemento fortíssimo da religiosidade romana. Nesse sentido, podemos inferir que desde então, já havia um certo aparato de propaganda nas moedas romanas, se se leva em consideração o fato de que ser *triumvir monetalis* significava ter um cargo que marcava o início da carreira política (*cursus honorum*), mostrando assim, por meio das moedas o poder de sua família e seu status na sociedade. Quando Otaviano torna-se imperador, em 27 a. C.:

“[...] a cunhagem de moedas já era uma prática consolidada que atendia tanto uma necessidade corriqueira de realização de pagamentos, sobretudo de soldados, quanto a uma função de comunicadora de mensagens sobre o poder instituído”.

Como o *princeps* de Roma, Otávio deu origem a uma reforma monetária estrutural que permaneceu por pelo menos dois séculos com ajustes mínimos. De acordo com Florenzano e outros (2009: 48), esta reforma constituiu-se de um sistema unitário romano que tinha elementos de origens diversas. Os autores relatam que nesta reforma Augusto:

Mosca, Litiane Guimarães.

Propaganda política e a construção da imagem em cunhagens monetárias.

www.revistarodaafortuna.com

“Regulamentou a escolha dos metais monetários, a relação e a proporção entre estes e os valores intrínseco e fiduciário das peças. Em termos de imagética, valendo-se da tradição helenística de representação do retrato dos fundadores de dinastias, instaurou a prática da representação da cabeça do imperador no anverso”.

Além destas mudanças no sistema monetário romano, Augusto também estabeleceu que a cunhagem das moedas em ouro e prata seria atribuída exclusivamente ao *princeps* e as moedas em bronze seriam de privilégio do Senado (moedas marcadas com SC- *senatus consulto*). Além do *as* e de sua fração principal o *quadrans*, Augusto também introduz o *sestércio* e o *dupondio*, sendo todas estas denominações de moedas de bronze (o *dupondio* equivalia a dois *asses* e o *sestércio* a quatro, sendo este o mais usado e popular do Império neste contexto). De acordo com Florenzano e colegas, no início de seu reinado, Augusto ainda matinha a prática de ter três ou quatro magistrados responsáveis pelas oficinas monetárias de Roma. Porém, com o passar do tempo e expansão do Império essa responsabilidade recaiu para outros oficiais escolhidos pelo imperador, pelo Senado ou pelos governadores das províncias.

No transcorrer dos dois primeiros séculos da era cristã muitos ajustes foram aos poucos sendo realizados no modelo estabelecido por Augusto de cunhagem monetária. O Império se estendia cada vez mais e com isso o soldo dos exércitos romanos aumentava. O pagamento aos soldados que era realizada por meio das moedas fazia com que estas eram postas em circulação e com isso, houve a multiplicação de oficinas monetárias. Neste aspecto, segundo Florenzano, Vianna e Castro (2009: 50):

“O controle das emissões passou a não depender mais de oficiais instalados em Roma junto a uma oficina cunhadora central, mas sim de generais em campanha que supervisionavam o trabalho dos artesãos, os quais instalavam oficinas itinerantes junto ao exército, e de governadores de província que contratavam artesãos ou mantinham oficinas locais para esta finalidade [...] Mesmo que todas essas moedas fossem cunhadas sob a autoridade do imperador ou do Senado romano, elas tinham traços locais próprios [...] Tudo para atender as necessidades da circulação local”.

O historiador Paul Zanker (1992: 78), referindo-se à cunhagem monetária da época de Augusto, afirma que nunca antes em Roma haviam sido cunhadas moedas tão bonitas. Elas se diferenciavam da época republicana principalmente por não serem tão “carregadas” e de difícil leitura. Eram moedas esteticamente mais belas e que chamavam ainda mais a atenção por serem mais claras e simples sendo compreendidas inclusive sem comentário

algum: “En este caso se ponía conscientemente la estética al servicio de la política”.

3. Iconografia monetária e propaganda imperial

Ainda que, não se possa minimizar a difusão da cultura escrita na sociedade romana, não há dúvida de que as imagens desempenhavam um papel fundamental, sobretudo por atingir até mesmo aquelas parcelas da população excluídas do letramento. Como afirma Claudio Umpierre Carlan (2005: 74), esse também é o caso da iconografia monetária:

“A perfeição dos detalhes nos mostra a importância e o cuidado do artesão em confeccionar essas imagens. Pois, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população, a moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efígie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum, Restitutio Orbis, Victoria e Pax Augusta*...são slogans, propaganda”.

Nesse sentido, as informações e as ideias determinadas por aqueles que ordenavam a cunhagem e que eram colocadas no conteúdo das imagens e inscrições das moedas romanas chegavam à população de uma forma direta e eficaz. Florenzano e colegas (2009: 53) afirmam que:

“Os agentes envolvidos na produção de moedas conheciam bem os mecanismos que transformavam esses pequenos objetos metálicos em elementos importantes da propaganda política e, por isso, faziam o máximo para bem aproveitá-los. Os imperadores, principais agentes do poder romano, tratavam de potencializar o espaço de que dispunham nas moedas para, através das imagens, reforçar a sua autoridade, divulgando suas conquistas militares, suas virtudes e as maneiras que haviam encontrado de beneficiar a população [...] os modos como haviam chegado ao poder, as virtudes de sua ascendência e de sua família, registrando e reforçando a legitimidade de sua autoridade”.

Partindo dessas considerações e de que ao mandar cunhar moedas a autoridade responsável expõe em seu conteúdo iconográfico informações e ideias, demonstrando uma intencionalidade de caráter político e ideológico, o objetivo do restante deste capítulo é fazer uma reflexão sobre alguns dos elementos que Otaviano Augusto usou para construir sua imagem política e fazer propaganda tanto de sua pessoa como de seu governo nas moedas cunhadas em sua época. Para tanto, faremos uma análise de conteúdo de

algumas moedas, dedicando uma atenção particular a suas conotações tanto estéticas como históricas. A análise será constituída de cinco moedas romanas de diferentes momentos da carreira política de Augusto: da sua ascensão até os anos próximos de sua morte. A metodologia para esta análise tem como base o trabalho de Claudio Umpierre Carlan, que concebeu uma pesquisa a respeito das moedas de Constâncio II conservadas no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Segundo essa metodologia, é primeiramente estabelecido um catálogo das moedas em formato de fichas que apresentamos em anexo. Nelas assinalamos o período e local em que as moedas foram cunhadas, descrevemos o conteúdo iconográfico do anverso e reverso, e, na medida do possível, decodificamos os símbolos presentes.

A ordem da análise está de acordo com os números das fichas em anexo com suas respectivas moedas. Estas estão organizadas cronologicamente, na medida do possível, já que algumas não possuem uma datação satisfatória.

4. Alguns aspectos da propaganda de Augusto: aplicação do método de análise de conteúdo nas moedas cunhadas

4.1 Divi Filius

As palavras em latim *Divi F[ilius]* são encontradas em praticamente todas as moedas desta série. A única exceção se refere à moeda de número quatro em nosso catálogo. Nesse sentido, podemos inferir como essa denominação foi importante na propaganda política de Otávio Augusto. A moeda n. 1, cunhada entre 40 e 38 a.C., deixa esse aspecto ainda mais evidente do que todas as outras pois nela apresenta-se em seu anverso o busto de Otávio nomeando-se como DIVI FILIVS (filho do divino) e no reverso o busto de Júlio César coroado (não é possível identificar que tipo de coroa usa), denominado DIVOS IVLIVS (Divino Júlio). A moeda passa a impressão de uma profunda relação entre pai e filho e legitima o filho como seu sucessor legítimo. A inscrição “DIVOS” provavelmente causava um impacto ainda mais forte, pois afirmava tratar-se de um deus romano e Otávio era o filho deste deus ou seja, tinha uma origem divina, algo que o destacava em relação a seu rival, Marco Antônio, que nessa mesma época também procurava legitimar-se como possível sucessor de César, mas afirmando sua condição de general (*imperator*) e companheiro de batalhas do ditador assassinado.

Depois da morte de Júlio César (44 a.C.), como já relatamos no primeiro capítulo, iniciou-se uma luta pelo poder em Roma na qual Otávio e Marco Antônio foram os protagonistas. Essa luta durou treze anos e nesse contexto,

como afirma Zanker, tanto a iconografia, como as edificações desempenharam um papel importante para ambos os lados. Após a morte de seu tio, Otávio, aos dezenove anos, consciente de que César o havia adotado como filho e feito dele em seu testamento seu principal herdeiro, decide reivindicar também a posse da herança política de seu pai adotivo. Para tanto, a única e verdadeira base política que tinha a seu favor era o nome de César. Nesse sentido, o primeiro passo que devia tomar era tornar viva a memória de seu tio/pai e servir-se disso a seu favor. Após a deificação de Júlio César, confirmada por um sinal milagroso (um cometa que apareceu por sete dias enquanto ocorriam os *Ludi Victoriae Caesaris*, jogos em homenagem a César), em 42 a.C., Otávio oficializa o culto estatal a César e, desde então, propaga este acontecimento inclusive nas cunhagens monetárias, demonstrando ser ele o legítimo sucessor de Júlio César (Zanker, 1992: 54). É válido ressaltar que a moeda que aqui analisamos é uma peça feita em bronze, o que nos dá base para supor que foi uma moeda de circulação bastante alta, na medida em que servia como troco, e que também circulou entre as camadas mais populares do Império, indicando assim a repercussão desta ideia concebida por Otávio.

4.2. O Imperador como o “libertador” de Roma e instituidor da paz

No anverso da moeda de número de ordem 02, aparece o busto do imperador laureado e a inscrição *IMP(erator) CAESAR DIVI F(ilius) CO(n)S(ule) VI LIBERTATIS P(opuli) R(omani) VINDEX*, que podemos traduzir como: “O imperador (ou general) César, filho do Divino, cônsul pela sexta vez, vingador da liberdade do povo romano”.

A moeda foi cunhada em 28 a. C. em Éfeso, ou seja, pouco tempo depois de Otávio ter vencido Marco Antônio na batalha do Áccio em 31 a. C. Nesta moeda podemos ver como Augusto, décadas antes de escrever sua autobiografia, transmite a mesma ideia veiculada nas *Res Gestae*, de ter livrado Roma de uma facção tirânica e restaurado a liberdade dos romanos, após a derrota de Marco Antônio.

No reverso da moeda, apresenta-se a deusa Pax no centro, segurando um bastão envolvido por duas pequenas serpentes, acompanhada da inscrição *PAX*, talvez para que realmente não houvesse dúvidas para aqueles que observassem a moeda. Atrás da deusa podemos observar uma espécie de cesto, de onde saem outras duas serpentes. Envolvendo este conjunto, nas bordas da moeda, identificamos uma coroa de louro. Este reverso, como se vê, é carregado de simbologias que podemos decodificar com o auxílio de um dicionário de símbolos. A deusa Pax, na Antiguidade, era a personificação da “paz”. O bastão que a deusa segura e que está rodeado de serpentes é o

caducen, representava a anunciação de uma intermediação pacífica. A coroa de louros era uma coroa triunfal, símbolo de vitória e da imortalidade. O louro para os romanos era emblema da glória. Quanto às serpentes do cesto, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, mas, segundo Chevalier (2001: 821), em Roma o símbolo do gênio ou espírito-guardião era uma serpente. Mas também não podemos esquecer que surgiu uma história enquanto Otávio ainda rivalizava com Marco Antônio, de que sua mãe havia sido visitada por Apolo personificado em serpente, e que de sua relação com o deus teria concebido Otávio (Zanker, 1992: 74). Podemos então sugerir que a imagem da serpente fosse referência a esse comentário apropriado por Otávio. Nesse sentido, a deusa representa a “paz” garantida por Otávio, fruto de sua vitória das guerras civis, possibilitando assim a paz em Roma. Assim, a ideia é demonstrar que Otávio é autor da “liberdade” romana, e como um general (*imperator*) vitorioso, que sua vitória possibilitou a paz para todos.

4.3 O Imperador restitui ao povo suas leis e seus direitos

Na moeda de número de ordem três podemos observar no anverso o busto do Imperador laureado juntamente com a inscrição *IMP (erator) CAESAR DIVI F (ilius) CO(n)S(ule) VI* que podemos traduzir como “O imperador (ou general) César, filho do Divino, cônsul pela sexta vez”. No reverso, podemos observar o mesmo Otávio visto de corpo inteiro, com a *toga* romana, sentado supostamente na *sella curulis* e segurando algo que não podemos identificar com total certeza pela definição da imagem que temos da moeda, mas que se parece muito com um *volumen* ou rolo de papiro. A inscrição diz *LEGES ET IVRA P(opuli) R(omani) RESTITVIT*, que traduzimos como: “Restituiu as leis e os direitos do povo romano”.

O significado de o imperador estar laureado, como já comentamos anteriormente no item 4.2, é referência à vitória e à glória do imperador. De acordo com Zanker (1992: 197), “a toga chegou a ser uma espécie de vestimenta de Estado para todos os romanos, assim como também um símbolo de rectas convicções mediante el cual el sujeto que la vistiera debía recordar su rango en ocasiones señaladas”. Augusto então institucionalizou a vestimenta da *toga* como símbolo dos ancestrais e também, como símbolo da identidade romana. Todos os cidadãos romanos deveriam usar a toga e para isso o imperador dá o exemplo como vemos na iconografia desta moeda. Zanker afirma que o fato de o imperador fazer uso da *toga* era como se ele demonstrasse uma identificação com a tradição dos antigos e também uma promessa de respeito à *res publica*.

A *sella curulis* era uma cadeira de Estado por isso simbolizava o “poder” daqueles que o exerciam. As leis e os direitos do povo descritos na inscrição provavelmente estão representados por aquilo que o imperador segura em uma das mãos, destacando este objeto e levantando-o levemente.

Toda essa iconografia passa a ideia de que, com a conquista do poder unipessoal após a vitória no Ácio, representado pela *sella curulis*, o imperador, que já é cônsul pela sexta vez, está garantindo ao povo romano ter suas leis e seus direitos preservados, “restituindo-os” a Roma. Essa peça nada mais é do que uma celebração dessa restituição, que é, na verdade, uma conquista para Augusto e seus contemporâneos.

Esta peça é um áureo, uma moeda de ouro, e por isso podemos inferir que não circulou entre todas as classes sociais do Império, sobretudo as mais pobres. Porém, temos indícios de que algumas moedas eram reproduzidas tanto na versão *áureo* como em outras versões, no *denário*, por exemplo, como o caso da moeda de número cinco que analisaremos a seguir e que tinha uma circulação maior por seu valor monetário.

4.4 O começo de uma “nova era”

A moeda de número de ordem 04 foi cunhada em 27 a.C., ano em que o Imperador César recebe o título de *princeps* e é nomeado “Augusto”, título importantíssimo, como já foi referido no capítulo 2, carregado de significações boas para aquele que o recebe.

No anverso da moeda visualizamos o busto do imperador, não coroado, com uma expressão facial mais séria, mais “madura”, do que as moedas de tempos anteriores, acompanhado da inscrição *IMP (erator) CAESAR*, “Imperador César”. No reverso uma esfinge (cabeça de mulher, corpo de leão e asas) ocupa a iconografia da moeda. A esfinge é acompanhada da inscrição *AVGVSTVS*, “Augusto”.

Como é possível perceber, a nomeação *Divi Filius* não aparece mais junto ao busto do imperador. O destaque agora é para o nome/título “Augusto”, que chegava a dar ao imperador um caráter sagrado para sua própria pessoa, o que era mais um fator de legitimação de seu poder unipessoal. Daí a importância de que isso fosse propagado. A imagem da esfinge unida ao título dá um impacto ainda maior ao conjunto. Segundo Zanker (1992: 315), a partir dos anos trinta a. C., a esfinge se transformou em um símbolo de “esperança”. Nesse sentido, ao ser apropriada por Augusto como sinal de esperança para o futuro, ela anunciava o começo de uma nova era. É claro que as expectativas

seriam as melhores possíveis: paz, prosperidade, etc., e ele, enquanto “Augusto”, propiciaria isso aos romanos.

4. 5 Os sucessores de Augusto

A moeda de número de ordem 05 possui em seu anverso o busto do Imperador laureado, sua face é jovial, algo que deve ser levado em consideração, pois em se tratando de uma cunhagem do ano 2 a. C., e tendo em vista que Augusto nasceu em 63 a. C., ele tinha 65 anos nessa data. Juntamente com o busto há a inscrição: *(Caesar Au) GVSTVS*, “César Augusto”, na frente da cabeça e *DIVI F (ilius) PATER (patriae)*, “Filho do divino, pai da pátria”, atrás. No reverso identificamos dois homens em pé, togados, sendo que os dois estão segurando um escudo e uma lança. Acima de suas cabeças é possível visualizar dois símbolos: um *simpulum* e um *lituus*. A inscrição diz *AVGVSTI F (ili) COS (ules) DESIG (nati) PRINC (ipes) IVVENT (utis)*, “Os filhos de Augusto, côsules designados e príncipes da juventude”, e abaixo da imagem dos dois homens, *C (aius) L (ucius) CAESARES*, “Os Césares Caio e Lúcio”.

A face “atemporal” de Augusto, de acordo com Zanker, foi muito usada naquele período e representava a imagem do governante como sendo “eternamente jovem”. Devemos ressaltar que as moedas circulavam por todo o Império, incluindo então lugares em que o imperador jamais foi visto em pessoa, tornando assim a iconografia do período o único recurso obtido para que as pessoas tivessem contato com o aspecto físico de seu governante e dando, neste caso, às estátuas e ao monetário um papel fundamental desta representação.

Nesta moeda é possível identificar outro título importantíssimo obtido por Augusto: *PATER PATRIAE*, “Pai da Pátria”. Este título era conferido pelo Senado ao imperador e era símbolo de uma grande honra prestada a este governante. Por Augusto, o título *Pater Patriae* foi obtido em 2 a. C., ano em que foi cunhada a peça em análise. Isso nos mostra que o imperador teve a preocupação em divulgar este título logo de imediato, não como um sinal de legitimação de poder, já que neste momento seu poder já estava concretizado, mas sim zelando pela sua boa imagem em relação aos súditos, o que um título como esse causaria impacto.

No entanto, é na imagem do reverso desta peça monetária que se pode identificar a intencionalidade principal da propaganda do imperador. Deparamo-nos com a imagem de dois rapazes, Caio e Lúcio Césares. A inscrição deixa clarividente quem são essas pessoas: “Filhos” de Augusto, são

cônsules designados e Príncipes da Juventude. Sabemos que Caio e Lúcio não eram “filhos” e sim “netos” de Augusto, filhos de Júlia. Augusto, para sua infelicidade, não teve nenhum filho homem em seus dois casamentos. De acordo com Zanker (1992: 255), na medida em que o tempo passava e ia se tornando mais velho, a questão de quem iria substituí-lo após sua morte o preocupava cada vez mais, pois Augusto queria que a sucessão no principado fosse de sua linhagem. Assim, nesse contexto, preocupação do Príncipe era tratar de manter intacto seu estilo e, ao mesmo tempo, não deixar qualquer dúvida de que seu sucessor deveria ser necessariamente eleito entre os membros da família dos Júlios. Para isso, como não teve nenhum filho homem, lançou mão de seus netos como candidatos legítimos para a sucessão. A peça que estamos analisando é um exemplo marcante de como Augusto trabalhava para que houvesse esse reconhecimento de seus netos como seus substitutos no governo e constitui, por isso, de nosso ponto de vista, um aparato de propaganda ideológica para que esse objetivo fosse respeitado no futuro.

O título *Princeps iuuentutis* em tempos mais antigos era dado àquele que era o chefe da Ordem Equestre romana. Porém, no período de Augusto, Zanker (1992: 259) afirma que apesar de ter sido concedido a Caio e Lúcio pela ordem dos cavaleiros, politicamente não significava nada concreto. No entanto, com o passar dos anos, começou a ter um significado de “aquele que é herdeiro do príncipe”. O escudo e a lança que os dois rapazes seguram na imagem, seriam os sinais honoríficos que lhes haviam concedido os cavaleiros. Em seu dicionário de símbolos, Chevalier (2001: 367) afirma que a lança no mundo greco-romano era oferecida aos combatentes, oficiais ou soldados como recompensa, porém esta não tinha ponta, pois, apesar de ser honorífica, não conferia àquele que nenhuma autoridade pública, nenhum comando. Em relação ao escudo infelizmente em nossos estudos não conseguimos identificar o significado simbólico que fazia referência a este período em questão.

Os símbolos que avistamos acima das cabeças dos netos de Augusto, o *simpulum* e o *lituus*, de acordo com Zanker (1992: 259) eram sinais dos colégios sacerdotais dos quais cada um pertencia. No caso de Caio, que era vinculado ao *pontifex* (agente responsável pelos sacrifícios) se fazia referência o *simpulum* (um pequeno vaso ou panela com uma longa alça, usado em sacrifícios para fazer libações e para provar os vinhos e outras bebidas, que foram derramadas sobre a cabeça das vítimas) e Lúcio, que era relacionado ao colégio dos áugures (responsáveis pela leitura dos presságios) se faz referência o símbolo *lituus* (instrumento utilizado pelo áugure para a leitura das entranhas de um animal, por exemplo).

5. Considerações acerca da análise das moedas

Mediante a análise de conteúdo que realizamos nestas cinco moedas, concluímos que a temática presente nas cunhagens monetárias do período de ascensão e poderio de César Augusto é bastante diversa. Percebemos que em seu início de carreira (moeda 1), enquanto rivaliza com Marco Antônio pela conquista do governo romano, sua preocupação se volta à memória de Júlio César, ressaltando então ser filho deste “divinizado” e seu herdeiro legítimo. Após derrotar seu rival em 31 a.C., mudam-se os aspectos simbólicos representados, sendo estes agora sinalizadores de um futuro próspero para os romanos (moeda 4), com seus direitos e leis restituídos (moeda 3) e a paz vigorando (moeda 2). Tudo isso como um aparato de propaganda, construindo uma boa imagem e afirmando, assim como também legitimando, o poder deste governante de poder unipessoal.

A moeda de número 5 traz uma temática totalmente distinta das demais. Nela a preocupação de Augusto em deixar estabelecido quem o sucederia é evidente e a propaganda que identificamos visa realçar os netos de Augusto como seus herdeiros legítimos e únicos com direito à sucessão no principado.

Como podemos perceber as moedas que analisamos configuram mensagens do imperador para seus súditos. Elas continham símbolos que deveriam ser decodificados por aqueles que as visualizassem para que então pudessem compreender a informação projetada pelo emissor. Quanto às peças que analisamos, podemos afirmar serem de iconografia bastante clara e com símbolos que muito provavelmente faziam parte do cotidiano das pessoas, sendo então de fácil leitura para qualquer um que atentasse para elas. Nesse sentido, em nosso entendimento, o estudo das moedas antigas tem uma importância primordial para que se possa fazer uma reflexão sobre as interações políticas entre o governante e os governados.

Bibliografia

Carlan, C. U. (2005). *Arte monetária romana: reflexos de uma propaganda*. I Encontro de História da Arte. São Paulo: IFCH / UNICAMP. Acessado em: 10/10/2010, disponível em:

www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2004/CARLAN,%20Claudio%20Umpierre%20-%20IEHA.pdf

Carlan, C. U. (2006). *Numismática Romana: teoria e método*. A arte a serviço do Estado. II Encontro de História da Arte, IFCH-Unicamp, 27 a 29 de Março, Campinas, SP. Disponível em:

<http://www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anais/2006/posgrad/%2817%29.pdf>

Chevalier, J; Gheerbrant, A. (2001). *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa Silva; Raul de Barbosa; Angela Melim; Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio.

Collares, M. A. C. (2010). A legitimidade do poder político de Otávio Augusto ao início do Principado. *Revista Alétheia: Estudos sobre Antigüidade e Medievo*, 4(1), 20-38. Acessado em: 12/11/2010, disponível em:
[http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/COLLARES, Marcos Antonio Correa de.pdf](http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/COLLARES,_Marcos_Antonio_Correa_de.pdf)

Collares, M. A. C. (2009). A política sob César Augusto: continuidades e rupturas. In Cerqueira, F. V; Selvatici, M. (Orgs.), *Religião e poder, do mundo antigo ao moderno: ensaios acadêmicos* (pp. 13-24). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas.

Costilhes, A. J. (1985). *O que é numismática?* São Paulo: Brasiliense.

Florenzano, M. B; Vianna, S. T. W; Castro, M. B. (2009). *Faces da Moeda*. São Paulo: Editora Olhares.

Funari, P. P. A. (2001). Algumas contribuições da arqueologia para o conhecimento da instrução no mundo romano. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*. IEL-UNICAMP, 1, 105-114. Acessado em: 07/07/2011, disponível em:
www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/arc_hist_estrat/contribuicoes.html

Funari, P. P. A. (2003). *Antigüidade Clássica, a História e a cultura a partir dos documentos*. São Paulo: Editora da Unicamp.

Funari, P. P. A., Carlan, C. (2007). *Arqueologia Clássica e Numismática*. São Paulo: IFCH/UNICAMP.

Gonçalves, A. T. M. Prefácio (2009). In Omena, L. M. *Pequenos Poderes na Roma Imperial*. Vitória: Flor & cultura.

Gonçalves, A. T. M. (2001) Poder e propaganda no período Severiano: A construção da imagem imperial. *Revista Politeia: História e Sociologia*, Vitória da Conquista – BA. 1(1), 53-68. Acessado em: 01/10/2010, disponível em:
<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/135/147>

Mosca, Litiane Guimarães.

Propaganda política e a construção da imagem em cunhagens monetárias.

www.revistarodadafortuna.com

Grant, M. (1946). *From imperium to auctoritas: a historical study of aes coinage in the Roman Empire, 49 B.C.-A.D. 14*. Cambridge, University Press.

Levick, B. (1999). Messages on the Roman coinage: types and inscriptions. In Paul, G. M; Ierardi, M. (Orgs.), *Roman coins and public life under the Empire* (pp. 41-60). E. Togo Salmon Papers II, Ann Arbor.

Zanker, P. (1992). *Augusto y el poder de las imágenes*. Tradução de Pablo Diener. Madri: Alianza Editorial.

The Coinage of Julius Caesar:

www.humanities.mq.edu.au/acans/caesar/Home.htm

The British Museum: Augustus Caesar, Roman emperor:

www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/s/silver_cistophorus_of_augustus.aspx

Anexos

Anexo 1

Identificação da moeda:


Número de ordem: 01

Denominação:

Ano / Local: cunhada aproximadamente de 38 a.C. a 40 a. C. na Itália.

Anverso e reverso:




<p>Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso: Anverso: DIVI F(ILI) CAESAR. Reverso: DIVOS IVLIVS</p>
<p>Descrição e decodificação da iconografia: Anverso: Busto de Otaviano; Reverso: César coroado.</p>
<p>Observações: Peça em bronze, em bom estado de conservação. A iconografia dessa peça deixava viva a memória do falecido Júlio César.</p>
<p>Retirada de: The Coinage of Julius Caesar:< www.humanities.mq.edu.au/acans/caesar/Home.htm>. ZANKER, 1992: 58</p>

Anexo 2

<p>Identificação da moeda: Número de ordem: 02 Ano / Local: cunhada em 28 a.C. em Éfeso Anverso e reverso:</p>
--

**Textos que acompanham as figuras no reverso e no averso:**

Averso: IMP(erator) CAESAR DIVI F(ilius) CO(n)S(ule) VI LIBERTATIS
P(opuli) R(omani) VINDEX

Reverso: PAX

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto do imperador no averso e deusa Pax no reverso celebrando o restabelecimento da paz após as guerras civis.

Observações:

Moeda de prata de Otaviano, diâmetro de 27 mm e peso: 11,760g.

Retirada de:

The British Museum: Augustus Caesar, Roman emperor:

<www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/s/silver_cistophorus_of_augustus.aspx>.

Anexo 3**Identificação da moeda:**

Número de ordem: 03

Ano / Local: cunhada em 28 a. C. na Ásia Menor.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: IMP(erator) CAESAR DIVI F(ilius) CO(n)S(ule) VI
 Reverso: LEGES ET IVRA P(opuli) R(omani) RESTITVIT

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso: Busto de Otaviano laureado;
 Reverso: Otaviano togado, sentado na *sella curulis*, levantando com a mão direita um objeto.
 A iconografia Celebrava a restituição 'ao Povo Romano de suas leis e de seus direitos'.

Observações: Peça em ouro, estado de conservação bem conservada, diâmetro: 18 mm. Peso de 7,95g.

Retirada de:

The British Museum: Augustus Caesar, Roman emperor:
 <www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/s/silver_cistophorus_of_augustus.aspx>.

Anexo 4

<p>Identificação da moeda: Número de ordem: 04 Ano / Local: cunhada em 27 a. C. em Pérgamo.</p>
<p>Anverso e reverso:</p> 
<p>Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso: Anverso: IMP CAESAR Reverso: AVGVSTVS</p>
<p>Descrição e decodificação da iconografia: Busto Otávio no anverso e esfinge no reverso.</p>
<p>Observações: Moeda de prata. Diâmetro: 27mm. Peso: 12g.</p>
<p>Retirada de: The British Museum: Augustus Caesar, Roman emperor: www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/s/silver_cistophorus_of_augustus.aspx. ZANKER, 1992:70</p>

Anexo 5

<p>Identificação da moeda: Número de ordem: 05 Ano / Local: cunhada em 2 a.C. em Lugdunum.</p>

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CAESAR AVGVSTVS DIVI F PATER PATRIAE

Reverso: AVGVSTI F CO DESIG PRINC IVVENT

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto do imperador Augusto laureado no anverso e no reverso Caius e Lucius, netos de Augusto, filhos de Julia e Marco Agripa, togados, em pé com uma lança e escudo. Esta foi cunhada para celebrar a designação dos netos de Augusto como seus sucessores.

Observações:

Denário e áureo de Augusto. Denário com 3, 2 g.

Retirada de:

The British Museum: Augustus Caesar, Roman emperor:

<www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/s/silver_cistophorus_of_augustus.aspx>. ZANKER, 1992: 259

Recebido: 28 de fevereiro de 2012

Aprovado: 05 de junho de 2012